
EM VALLOMBROSA ¹

Anima, non è questa la pia solitudine amica?

Gabrielle D' Annunzio. *Elegie Romane.*

Nas religiosas matas os longos pinheiros sussuram.

Harpas eolias pendem dos altos ramos?

Quando, com raiva aguda, dos cimos o vento se arroja,

E em frigiditas rajadas varre a montanha,

Que barbara harmonia, que vastos e fundos lamentos

Reboam pelos écos do sacro bosque!

São ais, gemidos grandes, são estos de tremula angustia,

São asperos protestos, e debeis prantos.

¹ Creio que ainda se não fizera em portuguez versos deste genero. Em ita' a o os tem feito, com uma ou outra modificação, poetas como N. Tommaseo, Carducci, Fogazzaro, D'Annunzio. A mim parece-me que embora afastando-se das medidas habituaes conseguiram dar-lhes uma grande harmonia e a grave magestade dos versos latinos. Effectivamente destes se tomou exemplo para os compor; é claro que em rigor, comquanto alguns digam o contrario, se trata, não de pés, mas de syllabas; o rythmo é, porém, o mesmo. Si em italino são elles possíveis (já não falando do inglez e do allemão) por que não o hão de ser em portuguez? Tanto mais que, pensando bem, é facil reduzil-os a combinações de metros conhecidos; nestes meus, o primeiro de cada

São preces funerarias, que os monges resavam outr'ora
Nos velhos ermitérios de Vallombrosa,

Em que inda vaga a sombra do nobre e severo Gualberto,
Hospede legendario da Faia santa.

São ruidos de batalhas, fragores de guerras medievas.
Aqui se viu Rogerio de Buondelmonte

Sobre a cogula negra cingir o talim bellicoso,
Deixar na ara a custodia, brandindo a espada.

Aqui passaram, feros, gritando, os soldados de Carlos,
Que da sanhuda Iberia calcava o mundo,

Daquelle em cujos reinos o sol não chegava ao poente,
E todas as estrellas seu brilho davam.

Feros, aqui passaram, tyrannos fieis a um Tyranno,
Matando, depredando, com ferro e fogo,

Ebrios de orgulho e sangue, de colera e bruta luxuria,
Fataes ao lustre da arte, como á Virtude...

grupo consta de um de seis e outro de oito syllabas ; o segundo de um de seis e outro de quatro. O francez pela pobreza de palavras graves, e pela falta de exdruxulos, não se acomoda a versos sem rima ; já Voltaire o lastimava dedicando a *Méropé* a Scipião Maffei.

Mas na nossa lingua tão cheia e variada, a rima, si é um ornamento delicado e nobre que augmenta o valor das estrophes, e a certos metros é necessario, não se deve, entretanto, considerar, como alguns julgam, em todos os casos indispensavel. O parnasianismo reagiu contra o decassyllabo solto, de que se abusara realmente por muitos annos, como o Romantismo reagira contra o soneto, que pela sua predominancia excessiva nas Arcadias se tornara banal e monotono. Foram, porém, restricções oppor-
tunas e temporarias não proscricções perpetuas. Afóra casos desses, e não cogitando por certo de escolas ou pequenos cenaculos para mim sem autoridade, eu entendo que todas as riquezas de um idioma devem ser aproveitados para fim artistico, assim como numa orchestra todos os instrumentos concorrem com as vozes particulares para a belleza geral da symphonia. Até, si technicamente a minha obra litteraria, apenas encetada, podesse aspirar a uma significação, eu desejaria que fosse essa.

Nem defender-vos pôde do ignobil assalto, pinheiros,
A soledade augusta dos vossos cumes ; .

Nem aos soldados torvos a marcha veloz detiveram
As ingremes escarpas, e a neve pura.

Gritai, pinheiros hirtos, lembrados do estúpido ultraje ;
Que vossas livres almas chorem e ululem !

(No asylo seu de rochas, a quérula fonte se cala ;
E, na humida espessura, calam-se os ninhos.)

Oh ! multiplos concertos, oh ! vozes que sobem confusas
Das múrmuras ramagens ao ceu de bronze !

Que agreste symphonia divina com elles creara
O genio de um Beethoven, tragico genio !

Emtanto, o cego Milton, num dia da erratica vida,
Aqui veiu escutal-as. Do valle escuro,

As brumas ascendiam, em focos, cinzentas e molles ;
Folhas de outomno, jaldes, o chão forravam.

O Poeta na memoria guardou essa tarde soturna.
Guardam-na eterna os versos do *Paraiso*.

O vento cessa. Apenas, a placida aragem balouça
As copas indolentes, que o sol amorna.

(No asylo seu de rochas, a quérula fonte desperta ;
E, na humida espessura, vibram os ninhos.)

O' clara e fresca fonte, camena adoravel do bosque,
Tão doces são teus labios como teus hymnos !

De longe vens, de longe, pisando calhaus e espinheiros,
Com limpida elegancia, com graça casta.

A's hervas do caminho teus beijos sem mácula deste ;
E em troca ellas te deram os seus perfumes.

O sol candente, a lua, com ella os mil astros da noite,
Pousaram-se amorosos no teu espelho.

Agora em ti scintillam faiscas de lume siderio ;
E o teu diadema levas, como rainha.

De longe vens. Embora. Repouso não buscas ; não dormes.
No ásylo teu de rochas, sonhas e falas.

Teu coração inquieto de virgem e náyado, arfando,
Em rythmos encantados se desafoga...

Os rouxinoes, ás gotas te bebem as nitidas aguas ;
E são castalias aguas, miraculosas,

Que forte o canto fazem, e aos finos gorgeios alados
Lyricamente exaltam a melodia.

O' vós, preciosos bardos, agudos tenores sublimes,
O' rouxinoes esquivos e solitarios,

Que ás tropicaes florestas do patrio Brazil tão remoto,
Ricas de borboletas, gemmas e orchideas;

Nunca levais o augusto prestigio, a paixão transbordante
Dos vossos dithyrambos, dos psalmos vossos !

Cantai quando escurece, cantai quando a aurora branqueja,
Cantai na paz da noite, da immensa noite ;

A' margem dos absconsos raudaes que rebramem couvulsos,
A' beira dos riachos, que as frondes cobrem !

Vós, gloriosas aves, zelais como os Druidas antigos
O ritual solemne da Natureza...

Os troncos dos pinheiros, esguios e rectos, semelhantes
Columns enfeitadas de austera igreja.

Os galhos, da ampla base subindo ao estreito remate,
Em góthicas ogivas, formam capellas...

Ha seculos, emtanto, que jazem nas tumbas ignotas
Os graves cenobitas de outras idades,

E d'entre os ramos tenros, que incenso aromático exalam,
Vésperas e matinas a Deus não voam...

Mas onde a prece humana calou seu murmurio submisso,
Vossos louvores se erguem ao Pai dos orbes.

Cantai. A sombra é densa. Piedoso o silencio que em torno
Avulta longamente, para escutar-vos.

Cantai, delicias minhas! E' doce este sitio; a hora é doce...
O sol, para escutar-vos, no occaso pára...

MAGALHÃES DE AZEREDO
